

## Capítulo Um

Foi um verão estranho e abafado, o verão em que electrocutaram os Rosenberg. Estava então em Nova Iorque sem saber ao certo porquê. As execuções incomodam-me. A ideia de ser electrocutada dá-me volta ao estômago, e os jornais não falavam de outra coisa: os cabeçalhos olhavam-me esbugalhados em todas as esquinas e em todas as entradas de metro a tresandarem a amendoim. Embora nada daquilo tivesse a ver comigo, não conseguia deixar de imaginar como seria ser queimada viva até à mais ínfima parcela do nosso corpo.

Pensava que devia ser a pior coisa do mundo.

Nova Iorque estava horrível nessa altura. Às nove da manhã, a frescura aparente que de algum modo invadia a cidade durante a noite, desvanecia-se como o fim de um sonho agradável. As ruas serpenteavam ao sol como miragens cinzentas no fundo dos desfiladeiros graníticos, os tejadilhos dos automóveis brilhavam e estalavam, e o pó seco como cinza invadia-me os olhos e a garganta.

A toda a hora ouvia falar dos Rosenberg. Era na rádio, era no escritório. Cheguei a um ponto em que já não conseguia tirá-los da cabeça. Tal como na primeira vez que vi um cadáver. Durante semanas consecutivas, ao pequeno-almoço, a cabeça do cadáver, ou o que dela restava, flutuava por cima dos meus ovos com *bacon*, e por trás da cara do Buddy Willard, o responsável, aliás, por eu ter visto aquilo. Em breve me senti como se arrastasse comigo a cabeça do cadáver, presa por um cordel como um balão negro e sem nariz, exalando um cheiro nauseabundo a vinagre.

Sabia que havia algo de errado comigo naquele verão, pois não conseguia deixar de pensar nos Rosenberg e na estupidez de ter comprado todas aquelas roupas caríssimas e desconfortáveis que agora pendiam como peixe mole no meu guarda-fato. Não conseguia deixar de pensar como os pequenos êxitos, por mim imaginados na faculdade, se esfumavam entre as fachadas marmóreas e vítreas de Madison Avenue.

Em princípio, devia estar a viver os melhores dias da minha vida.

Em princípio, era objeto de inveja por parte de milhares de outras universitárias que, por toda a América, mais não ansiavam do que andar aos tropeções à hora do almoço no Bloomingdale com sapatos de salto alto e mala a condizer. E quando a minha fotografia saiu na revista onde nós as doze trabalhávamos a beber martinis, enfiada num corpete justíssimo a imitar lamé prateado, preso a uma imensa nuvem de tule branco, num qualquer terraço preparado para a ocasião, na companhia de vários jovens anónimos, tipicamente americanos, contratados ou arrançados à pressa, toda a gente pensaria que eu andava numa roda-viva.

Vejam o que é possível neste país, diriam. Uma rapariga que vive numa cidade esquecida durante dezanove anos, tão pobre que nem tem dinheiro para comprar uma revista, consegue uma bolsa de estudo, entra para a faculdade, e lá vai ganhando um prémio aqui, outro ali, até que acaba por conquistar Nova Iorque com a mesma facilidade com que conduz o seu automóvel.

Ora, eu não conquistara absolutamente nada, nem tão-pouco me conquistara a mim própria. Limitava-me a pular do hotel para o trabalho e para festas, e das festas para o hotel e outra vez para o trabalho, como um autocarro cumprindo a carreira habitual. Em princípio, devia estar excitada como a maior parte das outras raparigas, no entanto ali estava eu, incapaz de reagir, tensa e vazia como o núcleo de um tornado movendo-se lentamente no meio de todo aquele frenesim.

Éramos doze no hotel.

Todas nós tínhamos ganho um concurso de moda numa revista graças a ensaios, histórias, poemas e anúncios de moda e, como prémio, tinham-nos oferecido empregos em Nova Iorque durante um

mês, com todas as despesas pagas e montes e montes de ofertas, desde bilhetes para o *ballet* a livres-trânsitos para passagens de modelos, desde arranjos de cabelos em salões sofisticados a oportunidades de encontrar gente de sucesso no campo das nossas atividades, além obviamente de conselhos sobre o modo de nos arranjarmos.

Ainda guardo comigo o estojo de maquilhagem que me ofereceram, perfeitamente indicado para uma pessoa de olhos e cabelos castanhos: uma caixa quadrangular com rímel castanho, com um pincel minúsculo, uma sombra com o tamanho suficiente para ser manuseada pela ponta do dedo, e três batons do vermelho ao rosa, tudo bem arrumado numa pequena caixa dourada com um espelho num dos lados. Ainda conservo um estojo para óculos de sol com conchas e cequins às cores, e um peixe de plástico verde incrustado.

Era evidente para mim que, se aqueles presentes se amontoavam à nossa volta, era por serem uma forma de publicidade gratuita para as empresas envolvidas, mas não conseguia ser cínica face a isso: adorava sentir-me inundada de presentes. Durante muito tempo mantive-os escondidos, mas, por fim, quando me senti recuperada, fui buscá-los de novo e ainda os tenho espalhados pela casa. Uso os batons de vez em quando, e, na semana passada, arranquei o peixe de plástico do estojo dos óculos para o bebé brincar com ele.

E ali estávamos nós as doze, no hotel, na mesma ala do mesmo andar, em quartos individuais, uns a seguir aos outros, o que me fazia lembrar o dormitório da faculdade. Não era propriamente um hotel quero dizer, um hotel em que há homens e mulheres juntos no mesmo andar.

Este hotel, A Amazona, era destinado apenas a mulheres, a maior parte das quais raparigas da minha idade com pais bem instalados na vida e desejosos de as saber em sítios a salvo de quaisquer tentativas de sedução. A maioria destinava-se a escolas de secretariado tipo Katy Gibbs, onde deviam usar chapéu, meias e luvas a condizer, ou então tinham acabado de se formar em sítios tipo Katy Gibbs, e eram agora secretárias de executivos, pairando por Nova Iorque à espera de se casarem com um homem com um bom estatuto social.

Todas estas raparigas me pareciam extremamente enfadadas. Vi-as no terraço, bocejando e pintando as unhas enquanto tentavam

conservar o bronzeado conseguido nas Bermudas, e todas elas tinham o mesmo ar enfadado. Falei com uma que estava farta de iates, de passear de avião, de esquiar na Suíça pelo Natal, e de ter aventuras com homens no Brasil.

Este tipo de raparigas dá-me volta ao estômago. A inveja é tanta que não consigo falar. Em dezanove anos de vida, a única vez que saí de Nova Inglaterra, foi para fazer esta viagem a Nova Iorque. Era a minha primeira grande oportunidade e eu estava a deixá-la escapar por entre os dedos como água que tentamos reter na nossa mão.

Creio que um dos meus problemas era a Doreen.

Nunca conhecera uma rapariga como a Doreen. A Doreen vinha de uma universidade feminina da alta sociedade do Sul, e tinha cabelos loiros e sedosos, e olhos azuis, como ágatas transparentes, firmes, brilhantes e indestrutíveis, e uma boca que parecia talhada num esgar de constante desdém. Não quero dizer que fosse um desdém maldoso, mas sim divertido, misterioso, como se todos à sua volta fossem razoavelmente idiotas e ela estivesse pronta a dizer piadas sobre eles sempre que lhe apetecesse.

A Doreen destacara-me de imediato. Fez-me sentir mais inteligente do que as outras, e era, de facto, muito divertida. Costumava sentar-se ao meu lado durante as conferências e sussurrava-me piadas sarcásticas enquanto as celebridades discursavam.

Segundo me disse, a sua faculdade estava tão atenta às questões da moda que todas as estudantes tinham carteiras feitas do mesmo tecido dos vestidos para que, sempre que mudassem de roupa, tivessem uma carteira a condizer. Semelhante atenção aos detalhes impressionava-me. Toda ela parecia associada a uma deliciosamente elaborada decadência que me atraía como um íman.

A única coisa que a Doreen censurava em mim era o modo como eu me esforçava para entregar os trabalhos dentro dos prazos.

«Porque é que estás para aí a suar?», perguntava-me, refastelada sobre a minha cama, com a sua camisa de noite de seda cor de pêsego, enquanto limava as unhas pintadas de um amarelo nicotina, ao mesmo tempo que eu acabava de datilografar o rascunho de uma entrevista com um conhecido romancista.

Havia ainda algo mais: enquanto o resto das raparigas usava camisas de noite de algodão ou roupões turcos que serviam também para

levar para a praia, a Doreen vestia camisas de noite de *nylon* cheias de rendas e laços, e roupões cor de pele semitransparentes. Tinha, além disso, um vago cheiro a suor que me trazia à memória aquelas folhas de feto que, quando partimos e esmagamos entre os dedos, libertam uma fragrância de almíscar.

«Sabes muito bem que à nossa amiga Jay Cee tanto se lhe dá que entregues essa história amanhã ou na segunda-feira.» A Doreen acendeu um cigarro e soltou lentamente o fumo pelo nariz, deixando uma névoa cobrir-lhe os olhos. «A Jay Cee é feia até dizer basta», prosseguiu. «Aposto que o velhinho do marido, se não apaga as luzes antes de se aproximar dela, vomita.»

A Jay Cee era a minha chefe e eu gostava bastante dela, apesar do que a Doreen dizia. Não era o tipo de mulher frívola, habitual nas revistas de moda, com pestanas postiças e joias excêntricas. A Jay Cee era inteligente, por isso não ligava absolutamente nada à sua aparência. Além disso, dominava uma série de línguas e conhecia todos os escritores importantes na nossa área.

Tentei imaginar a Jay Cee fora do escritório, sem o vestido e o chapéu habituais, na cama com o marido obeso mas não consegui. Sempre tive dificuldade em imaginar as pessoas na cama.

A Jay Cee queria ensinar-me alguma coisa, aliás, todas as senhoras respeitáveis que eu conhecia me queriam ensinar alguma coisa, mas naquele momento senti que elas não tinham nada para me ensinar. E foi assim que pus a tampa na máquina de escrever e a fechei.

A Doreen sorriu. «Menina bonita.»

Alguém bateu à porta.

«Quem é?», perguntei sem me dar ao trabalho de me levantar.

«Sou eu, a Betsy. Também vão à festa?»

«Acho que sim», respondi sem me mexer.

A Betsy tinha sido importada do Kansas, com o seu rabo de cavalo loiro saltitante e sorriso de pasta dentífrica. Lembro-me de uma vez termos sido chamadas ao escritório de um produtor de TV com um fato às riscas que queria ver se tínhamos algo que ele pudesse explorar no programa, e a Betsy desatou a falar sobre as várias espécies de trigo do Kansas. Falou de uma forma tão apaixonada que o produtor já tinha lágrimas nos olhos, só que, infelizmente, segundo me disse, nada daquilo lhe servia para o programa.